

A moral profissional e a ética jornalística

Francisco José Castilhos Karam

Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina

No jornalismo, há um percurso histórico de palavras como *interesse público*, *verossimilhança*, *exatidão* e a sempre perigosa e delicada *verdade*. Tais palavras e conceitos remetem a Valores, ao que seria melhor, ao mais correto ou mais equivocado, ao mais certo ou mais errado; enfim, a expressões que consubstanciam idéias valorativas morais, éticas...*deontológicas* – uma palavra tão feia quanto necessária.

E remetem à idéia de profissão, que tem na *veracidade* um dos conceitos-base de sua responsabilidade pragmática¹. Mas por que seria importante trabalhar com a veracidade e porque seria relevante divulgar fatos e versões verazes? E qual sua relação com a sociedade? É porque há – e nisso o século 20 e início deste está repleto de exemplos, debates e documentos - “uma maneira moral de ser profissional”².

Quem já leu os códigos profissionais, de procedimentos ou conduta – ainda que como princípios para uma busca incessante e imperfeita - sabe que as expressões, embora variáveis, convergem para uma maneira de se exercer a atividade em todos os países em que o jornalismo se consolidou de forma bastante profissional.

Há alguém que precisa, no cotidiano, na atualidade e em qualquer lugar, buscar alguma informação, saber o que se passa em diferentes esferas do Saber e do Poder, nas ruas e nos gabinetes, onde se decide a vida dos cidadãos, o futuro das pessoas, o destino de uma Nação. Fatos e versões, inseridos no mundo, têm reflexos nas mais remotas regiões e no mais isolado dos indivíduos, seja para saber se há contaminação na produção alimentar a partir de plantações, seja para saber se o ar que se respira e a água que se bebe são saudáveis ou se continuarão a existir. Portanto, trata-se da vida. Não parece pouca coisa.

O jornalismo permite, *ideal e potencialmente*, o acesso imediato a tais fatos, a tais interpretações, a tais versões. E o faz com um ritmo comparável à própria intensidade do ritmo contemporâneo humano, a ponto de se falar, hoje, em estresse informativo. Paradoxalmente, a solução para o excesso de informações não é menos informação. É mais, melhor e diversificada informação; é busca por diferenciadas fontes e interpretações.

Se a humanidade está cada vez mais entrelaçada em ritmos, interesses e poderes, alguém teria de fazer este trabalho de apuração, busca, disposição de temáticas para constituir um espaço - ainda que com limites de variada ordem - de interlocução pública e coletiva, e expressá-lo de forma imediata, plural, contraditória, polêmica. E fazê-lo profissionalmente, como centro de sua atividade cotidiana.

Quem trabalha assim faz de sua atividade precisamente isso, uma profissão comprometida com seu *ethos* específico e social; angula a profissão a favor da humanidade, não contra ela. Ética não significa apenas “bons modos” ou “etiqueta”, mas prejuízo, seja a Nicolau dos Santos Neto, a desmatadores da Amazônia, a poluidores de rios, lagos e solo, a contaminadores do ar, a jogadores inescrupulosos da bolsa, a sonegadores de impostos, a desviadores de dinheiro público ou a aqueles que privatizam o Estado, defendendo seus bolsos particulares em nome de um difuso “interesse público”. Quando se deixa de atuar com tal perspectiva também falta ética.

Se nem todo o jornalismo é serviço ou interesse público, há um eixo central que aponta, inevitavelmente, para ele. Talvez por isso é que mais de 500 jornalistas tenham sido assassinados nos últimos 10 anos em diferentes pontos do planeta no exercício da profissão, conforme relato da organização Repórteres Sem Fronteiras. Mortos por ditaduras, em

guerras ou conflitos de rua, em matérias de investigação nas áreas de Política, de Economia, de Cultura, de Comportamento; em países da América e do Leste Europeu; em países africanos e asiáticos; no Ocidente e no Oriente; no Hemisfério Sul e no Norte.

Tal exercício, parece-me, é resultado, pelo menos na maioria dos casos, de um exercício ético, que coincide, também em parte, com o exercício técnico. Ele tem, na busca de fontes, na investigação documental sigilosa, na inserção em zonas de risco e perigos uma base moral solidificada, cuidando, claro, para que alguns métodos de apuração não sejam banalizados – como a utilização de câmeras ocultas –, mas também cuidando para que tais recursos sejam utilizados em situações em que o benefício social é significativo, notório e duradouro.

Por isso, é ética ancorada em uma moral formulada a partir da afirmação histórica da profissão e ampliada com vigor a partir da divisão social do trabalho, percorrendo sobretudo todo o século passado.

Diante das megafusões midiáticas e da sociedade da mídia com outros ramos da produção há hoje um renovado desafio ético e técnico. Com a hibridização e intercâmbio de interesses políticos, ideológicos e mercadológicos percorrendo cada vez mais o interior do jornalismo, cabe saber como, ao tentar manter a atividade com tal perspectiva de moral profissional, com tal ética, os jornalistas sobreviverão e, com eles, a profissão e sua relevância social.

¹ BONETE PERALES, Enrique. De la ética filosófica a la deontología periodística. In: ____ (Coord.). *Éticas de la información y deontologías del periodismo*. Madrid: Técnicos, 1995, p. 41.

² Idem, p. 21.